

Arthur Valle
Camila Dazzi
Isabel Portella

Oitocentos

TOMO III

Intercâmbios Culturais entre Brasil e Portugal

2ª Edição

Rio de Janeiro
CEFET/RJ
2014



2014

Realização da Publicação

CEFET/RJ

UFRRJ

Museu da República/RJ

Organização

Arthur Valle

Camila Dazzi

Isabel Portella

Projeto Gráfico

Camila Dazzi

Revisão e Editoração

Smirna Cavalheiro/ComTexto

Editoras

CEFET/RJ

DezenoveVinte

Correio eletrônico

dezenovevinte@yahoo.com.br

Meio eletrônico

A presente publicação reúne os textos de comunicações apresentadas de forma mais sucinta no III Colóquio de Estudos sobre a Arte Brasileira do Século XIX. Os textos aqui contidos não refletem necessariamente a opinião ou a concordância dos organizadores, sendo o conteúdo e a veracidade dos mesmos de inteira e exclusiva responsabilidade de seus autores, inclusive quanto aos direitos autorais de terceiros.

700
O39

Oitocentos - Tomo III : Intercâmbios culturais entre Brasil e Portugal. 2ª.
Edição / Arthur Valle, Camila Dazzi, Isabel Portella (organizadores).– Rio de Janeiro: CEFET/RJ, 2014. II.
600 p.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7068-010-5

1. Arte. 2. Arte – Brasil. 3. Arte – Portugal. 4. Arte – História. I. Valle, Arthur. II. Dazzi, Camila. III. Portella, Isabel. IV. Título.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7068-010-5



9 788570 680105



1. Elementos Funcionais e Ornamentais da Arquitetura Eclética Pelotense. 1870–1931. Estatuária

Amanda Dutra
Carlos Alberto Ávila Santos
Jamila Lima Macedo
Letícia Alves Pereira



A pesquisa estudou a estatuária aplicada às fachadas arquitetônicas ecléticas dos prédios pelotenses, construídos entre os anos de 1870 e 1931. Esses edifícios materializaram o período de apogeu econômico da cidade e de sua sociedade, baseado na criação de gado, no processo de salga das carnes bovinas e na exportação do charque e de seus subprodutos. No período compreendido entre as datas citadas, charqueadores, estancieiros e comerciantes buscaram na arquitetura eclética historicista, em moda na Europa e transposta para o Brasil e para Pelotas, uma maneira de evidenciar sua ascensão econômica e cultural.

Nas esculturas que ornamentam os frontispícios das construções selecionadas, buscou-se estudar suas origens e seus significados, assim como os materiais empregados para a sua manufatura. Em pesquisa de campo foram realizados registros fotográficos da estatuária agregada aos frontispícios dos prédios. Por meio de pesquisa bibliográfica estabeleceram-se relações das alegorias escultóricas e de seus atributos com aquelas produzidas por outras culturas, sobretudo, no classicismo greco-romano, na arte da Renascença, no maneirismo, no barroco e no rococó.

Um dado significativo para o estudo foi o contato, via internet, com a pesquisadora portuguesa Ana Margarida Portela, cujo trabalho de doutorado recuperou a história da antiga *Fábrica de Cerâmica das Devesas*, localizada na cidade de Villa Nova de Gaya, em Portugal. A manufatura foi um importante complexo industrial que comercializava artefatos de faiança com o exterior, inclusive com o Brasil e, por consequência, com Pelotas. A pesquisadora forneceu,

para nossa consulta, parte do catálogo produzido pela fábrica no ano de 1910, no qual encontramos obras escultóricas, algumas semelhantes e outras idênticas às encontradas nas fachadas ecléticas pelotenses. Por essas razões, acreditamos que a maior parte das esculturas de cerâmica alouçada agregadas às fachadas dos edifícios de Pelotas seja originada da indústria portuguesa.

Os edifícios e a estatuária ornamental

Analisamos as esculturas dos frontispícios de 15 edificações. Dentre estas, cinco com funções públicas: a Biblioteca, o Teatro Guarani, a Escola de Belas-Artes, a capela de São João Batista, na Santa Casa de Misericórdia, e o sobrado de uso misto de Antônio Raimundo de Assumpção (já demolido). Como semipúblico, o Clube Caixeiral. E nove construções com funções originais privadas, as antigas residências do Barão de Cacequi, do Barão de São Luis e da Baronesa do Arroio Grande, do Senador Joaquim Augusto de Assumpção, do Coronel Antonio Soares de Paiva, de João Simões Lopes Filho, de Cândida Assumpção, das famílias Souza e Campos.

Na fachada da Biblioteca Pública pelotense¹, duas cariátides moldadas em massa de cimento sustentam os capitéis jônicos do entablamento, inspiradas naquelas do Erecteion, templo da Acrópole de Atenas. Coroando o frontão encontra-se uma escultura do globo terrestre, evidenciando a América do Sul, o Brasil, o Rio Grande do Sul, e Pelotas, na linha de visão do espectador que está no nível do chão, na calçada fronteira à construção. Provavelmente, a representação do globo e da região de Pelotas em evidência ao olhar do transeunte ressaltasse a inserção da cidade ao restante do mundo, através do conhecimento e da cultura apreendidos por meio dos livros do acervo do estabelecimento e dos cursos noturnos que eram ministrados nas salas interiores da Biblioteca. Ressaltamos a cartela com as inscrições em estuque: “trabalho, instrução, progresso”, palavras de ordem da filosofia positivista que fundamentou o governo gaúcho na época da

¹ Segundo SANTOS, Carlos Alberto Ávila. **Espelhos, máscaras, vitrines**: estudo iconológico de fachadas arquitetônicas – Pelotas, 1870-1930. Pelotas: EDUCAT, 2002, p. 84-85. A Biblioteca foi projetada por José Isella e construída entre os anos de 1878 e 1888. Foi reformada entre 1911 e 1913, com projeto de Caetano Casaretto, quando ganhou o segundo pavimento.

reforma do prédio. Os ramos de palmeira significam o triunfo da “ordem e progresso” estampados na Bandeira Nacional².

No edifício de uso misto – residencial no segundo pavimento e comercial no térreo – que abrigava a loja de tecidos *Torre Eiffel*, de propriedade de Antônio Raimundo de Assumpção e erguido em 1880, existia no frontão da fachada principal um busto representando Michelangelo Buonarroti, moldado em massa de cimento pelo construtor José Isella, responsável pelo projeto da obra³. A construção foi demolida, mas a escultura ainda se encontra sob posse da família, guardada na estância Nossa Senhora dos Prazeres, no Laranjal.

O Clube Caixeiral foi construído por Caetano Casaretto e inaugurado em 1905⁴. No módulo central da fachada principal destacam-se esculturas moldadas em cimento que remetem à mitologia greco-romana. Duas esculturas são masculinas, a da esquerda representa Hefestos ou Vulcano, deus da metalurgia, representado em idade avançada e barbudo, com seus atributos: o capacete, a forja e a bigorna. A representação do deus grego aponta para a classe industrial que usufruía dos eventos realizados pela associação recreativa. No lado direito está Hermes ou Mercúrio, deus do comércio, geralmente representado jovem, com o torso desnudo e portando o capacete alado, um barril com pólvora, um baú com tesouros e uma âncora. A escultura simboliza a classe de comerciantes que também se associou à entidade. As estátuas de duas musas complementam as alegorias da fachada. Na mitologia grega, as musas eram deusas protetoras das artes liberais, normalmente ligadas à poesia e à literatura. Uma das musas está tocando uma lira, a outra lê um livro, as duas aludem às apresentações de teatro, de dança e de concertos musicais organizados pelo clube.

A antiga residência de Francisco Antunes Maciel, o Barão de Cacequi, foi construída em 1878⁵. Sobre a platibanda e o frontão da fachada principal encontram-se dois vasos em estilo clássico e duas estátuas. Uma das esculturas representa uma figura feminina que ostenta uma coroa sobre a cabeça, ela está

² TRESSIDER, Jack. **Los símbolos y sus significados**. Barcelona: Blume, 2008, p. 81.

³ CHEVALIER, Ceres. **Vida e obra de José Isella**: arquitetura em Pelotas na segunda metade do século XIX. Pelotas: Mundial, 2002, p. 196-197.

⁴ SANTOS, Carlos Alberto Ávila. **Ecletismo na fronteira Meridional do Brasil (1870-1931)**. Tese (Doutorado em Arquitetura – Área de Conservação e Restauro). Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, 2007, p. 279.

⁵ *Ibidem*, p. 172.

apoiada em uma coluna que suporta um globo. É bem provável que o globo simbolize a cultura que, como vimos também aparece na fachada da Biblioteca Pública pelotense. A coroa sobre a cabeça da alegoria pode associá-la à deusa grega Atena, que é a divindade da sabedoria e protetora da cidade de Atenas. No catálogo da *Fábrica de Cerâmica das Devesas*, esta escultura está identificada como Europa.

A segunda estátua observada segura em uma das mãos um tocheiro, que relacionamos com a metalurgia e com a classe industrial. No livro *Porto Alegre 1900-1920: estatuária e ideologia*, o autor, Arnaldo Doberstein, registrou uma imagem de uma estátua com o mesmo atributo, uma alegoria da indústria executada pelo artista Paul Landowski para a fachada do Palácio Piratini, sede do governo do Estado, na capital gaúcha⁶. Escultura semelhante foi encontrada no catálogo da *Fábrica de Cerâmica das Devesas*, identificada como uma representação da indústria, que coincidiu com nossas especulações.

No alto da fachada lateral do palacete do Barão de Cacequi havia quatro estátuas realizadas em faiança, uma delas foi roubada recentemente. A primeira das três ainda existentes representa uma figura masculina jovial, com o peito desnudo e carregando sobre os ombros uma espécie de baú, cuja escultura associamos ao deus do comércio, Hermes ou Mercúrio, como já foi identificado no frontispício do Clube Caixeiral. O catálogo da *Fábrica de Cerâmica das Devesas* registra a estátua como uma representação do Outono.

Duas outras estátuas também aludem às estações do ano. Na primeira, vemos uma figura masculina com um manto que lhe cobre a cabeça e o corpo, sua postura é retraída, ela se encolhe sob o tecido que a envolve, trata-se de uma alegoria do Inverno. Em exposição realizada pela Secretaria de Cultura de Pelotas (SECULT), durante o ano de 2008, encontramos escultura idêntica restaurada, que traz inscrita no pedestal a palavra Inverno, o que confirmou nossas especulações. O catálogo da *Fábrica de Cerâmica das Devesas* reafirmou essa denominação. Na segunda escultura, vemos uma figura feminina com uma leve túnica que permite ver as belas formas do corpo, ela porta um diadema de flores e, possivelmente, simboliza a Primavera. No catálogo da *Fábrica de Cerâmica das Devesas* uma escultura similar é identificada com esta denominação. Como foi assinalado, nesta

⁶ DOBERSTEIN, Arnaldo. **Porto Alegre 1900-1920: estatuária e ideologia**. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 1992, p. 37.

residência havia outra estátua de cerâmica alouçada que foi roubada, encontramos a imagem da alegoria furtada no portal do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), na internet. Antes de ter acesso à figura arriscamos dizer que esta peça fosse uma alegoria do Verão. A imagem encontrada é uma representação masculina. Uma estátua similar foi verificada no catálogo da *Fábrica Devesas*, com o nome de Estio, coincidindo com nossas suposições.

Como citamos anteriormente, os vasos que ornamentam as platibandas dos prédios pelotenses copiaram aqueles produzidos em cerâmica pela cultura grega clássica. Na Grécia, cântaros de cerâmica serviam para guardar e transportar o mel, o azeite de oliva, o leite e o vinho, ou para armazenar provisões. Os desenhos funcionais desses recipientes resultaram em diferentes denominações como: *krater*, *kylix*, *hydria*, *oinochoe*, ânfora⁷. Neste caso, temos a representação de um *krater*⁸ ou cratera.

No palacete do Senador Joaquim Augusto de Assumpção, construído entre os anos de 1884 e 1889⁹, compoteiras de gosto clássico fazem o coroamento dos frontões. Na fachada voltada para a Rua Lobo da Costa ainda é possível observar as duas alças da compoteira. Já no frontão existente na fachada voltada para a Rua Félix da Cunha, a peça ornamental perdeu esses elementos.

A residência de Leopoldo Antunes Maciel, o Barão de São Luís, foi concluída em 1879¹⁰, possui sobre a platibanda vazada e sobre o frontão triangular que arremata o frontispício seis estátuas de cerâmica alouçada. Dentre essas, duas são iguais. Ou seja, temos cinco diferentes alegorias decorando a fachada. São todas representações femininas, uma delas segura com a mão esquerda uma ave e provavelmente esteja relacionada com a avicultura. Uma réplica dessa estátua faz par com ela, no lado oposto do frontão. Ao mesmo tempo, essas duas estátuas poderiam estar relacionadas com a lenda mitológica de Leda e o Cisne. Desde a Antiguidade, escultores criaram obras associadas à infidelidade de Zeus, como o escultor grego Timóteo, cuja cópia romana do século IV a.C. retiramos do livro *La*

⁷ BOWRA, C. M. **Grécia clássica**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1969, p. 64.

⁸ *Krater*: vaso que possui corpo redondo e abertura grande, utilizado pelos gregos para misturar vinho com água. É originado da palavra grega *Kerannmi* que significa mistura, daí a denominação de “vaso de mistura”.

⁹ SANTOS, 2007, p. 177.

¹⁰ *Ibidem*, p. 172.

*escultura grega desde el siglo IV hasta la época de Alejandro*¹¹. Uma terceira escultura tem como atributo a bigorna e simboliza a indústria. A quarta estátua, que leva em uma das mãos um cacho de uvas, representa a agricultura, conforme é observado no catálogo da *Fábrica de Cerâmica das Devesas*. Além dessas, existem duas outras esculturas, nas quais não conseguimos visualizar os atributos, dificultando a identificação.

O acesso ao interior dessa construção é feito através de um portão que dá entrada para um jardim ornamentado com uma fonte, moldada em massa de cimento. O tanque da fonte apresenta a forma de uma concha, e tem como elemento principal um *putto*, singular do termo *putti*¹². A alegoria segura um peixe pela cauda. Encontramos outros *putti* na pintura de Ticiano, intitulada “Vênus e Adônis”, de 1560, e numa escultura em bronze de Verocchio, fundida em 1470, onde o menino nu brinca com um golfinho. O peixe e a concha encontram-se ligados diretamente com a água, são alegorias do mar, dos rios e dos lagos, o que é reforçado pelos juncos moldados atrás do menino, vegetação típica da região de Pelotas, facilmente encontrada nas margens dos arroios, dos banhados e da laguna dos Patos.

A concha presente nesta fonte é semelhante àquela pintada pelo pintor renascentista italiano Sandro Botticelli, na obra “O nascimento de Vênus”, de 1480. Salientamos ainda que as rocalhas ou conchas foram elementos quase infinitamente estilizados nas decorações da arte rococó, tanto nos países europeus como no Brasil, assim como exemplificam as igrejas mineiras do século XVIII e as obras de Mestre Ataíde e do Aleijadinho, influenciadas pela estética francesa.

O frontispício da Capela de São João Batista da Santa Casa de Misericórdia, edificada pelos construtores José Isella e Guilherme Marcucci entre os anos de 1877 e 1884¹³, apresenta no alto do frontão duas esculturas femininas de características barrocas. Uma delas carrega uma cruz e simboliza a Fé. A outra acolhe duas

¹¹ COLLIGNON, Maximo. **Scopas e Praxiteles**: la escultura grega desde el siglo IV hasta la época de Alejandro. Buenos Aires: Ateneo, 1948, p. 120.

¹² Segundo BECKETT, Wendy. **A história da pintura**. São Paulo: Ática, 1997, p. 134. Os *putti* são meninos nus, frequentemente alados, que aparecem em muitas esculturas e pinturas da Renascença, representando anjos e cupidos.

¹³ SANTOS, 2007, p. 295.

crianças e significa a Caridade¹⁴, o catálogo da *Fábrica de Cerâmica das Devesas* confirmou nossas classificações.

Na fachada lateral desta mesma ala da Santa Casa de Misericórdia estão dispostas mais duas esculturas, ambas são representações femininas, como as do frontispício da Capela de São João Batista. Uma delas foi apresentada na exposição da SECULT como Consciência, denominação reafirmada no catálogo da fábrica portuguesa. O mesmo catálogo identifica a outra estátua como Esperança. Na platibanda, podemos encontrar novamente vasos em estilo clássico grego.

A residência de João Simões Lopes Filho, o Visconde da Graça, localizada na esquina da Rua Uruguai com a XV de Novembro, tem na extremidade direita da fachada principal uma entrada em arco, fechada por portão com grades de ferro. A parte central do arco é ornamentada com a cabeça de um imponente leão com a boca entreaberta, ladeado por duas águias que se voltam para o centro do portão, com as asas abertas, prontas para levantar voo e atacar. Na História da Arte, as representações destes animais surgiram como símbolos de poder de reis e de governantes, como as esfinges egípcias. No caso estudado, as esculturas de cimento evidenciam o poder econômico do proprietário da construção e também estão associadas à proteção dos moradores da antiga residência, para espantar o “mau-olhado”. No frontispício, são identificados vasos e outros ornamentos inspirados na arte grega.

No palacete de Cândida Clara de Assumpção, esposa de Joaquim José de Assumpção, o Barão do Jarau, localizada na Rua XV de Novembro¹⁵, a fachada contém o ano provável da conclusão da obra do prédio realizado em estuque, que é ornamentado com globos e compoteiras. Na fachada secundária há um portão ladeado por duas colunas unidas por um arco pleno, sobre cada uma das colunas há um leão de longa juba, que repousa as patas dianteiras sobre um globo. Os dois animais e os globos são identificados como símbolos de poder, proteção e cultura.

Na fachada da casa da família Souza, construída em 1876 e localizada na Rua Marechal Deodoro, a entrada principal é coroada pelo frontão, que é ornamentado por três vasos cujas formas repetem aquelas das ânforas gregas. Sobre as extremidades opostas da platibanda encontram-se estátuas femininas de gosto

¹⁴ Ibidem, p. 298.

¹⁵ Ibidem, p. 161.

clássico. Todos esses ornamentos são moldados em massa de cimento. A estátua da extrema direita usa túnica de inspiração grega e tem a cabeça encoberta. Pelos atributos que ostenta – um pergaminho e uma coluna com um globo, que são elementos relacionados à sabedoria – provavelmente seja uma representação da deusa Atena ou uma alusão à Europa, como na residência de Francisco Antunes Maciel. Na extremidade oposta, também vestida com uma túnica, a imagem porta um diadema de flores e, possivelmente, simbolize a divindade mitológica Flora, deusa da primavera. No catálogo da *Fábrica de Cerâmica das Devesas* encontramos alegorias da Primavera com atributos semelhantes.

Na fachada desta residência ainda temos, em ambos os lados do prédio, pórticos de entrada para carros encimados por arcos plenos e fechados por grandes portões de ferro. Ornamentam esses pórticos as estátuas de dois leões, que como já pontuamos, simbolizam o poder econômico dos proprietários. Como assinalamos, nas construções da Antiguidade as figuras de leões simbolizavam poder e proteção, como aqueles moldados em tijolos vitrificados nas muralhas da cidade caldeia de Babilônia, ou nas esfinges egípcias. Na ilha de Creta, o povo aqueu construiu palácios cercados por muralhas de pedra. Dessas construções fortificadas sobreviveu a Porta dos Leões, onde um relevo de pedra acima da porta é composto por dois leões que ladeiam uma coluna minoica. Os musculosos leões são os guardiões da entrada do palácio.

O Teatro Guarani teve projeto do arquiteto Stanislaw Szarfarki e foi construído pela firma pelotense *Rodrigues & Cia*¹⁶. O prédio está localizado na esquina da Rua Lobo da Costa com Gonçalves Chaves. A data de 1920 no tímpano do frontão, não corresponde à finalização da obra concluída em 1921, como era comumente utilizado na época estudada. Mas comemora os 50 anos da estreia da ópera “O Guarani” no Teatro *Alla Scalla* de Milão¹⁷. No alto da fachada do edifício destacam-se mascarões e alegorias, ora com inspirações pré-cabralinas ora pré-colombianas. Em sua totalidade, são 13 esculturas em massa de cimento ornamentando a fachada do prédio. A figura central representa um índio com seus atributos característicos: arco, flecha, cocar e tanga emplumada. É interessante ressaltar as proporções seguidas para a criação da figura, esguia ou alongada, que

¹⁶ CALDAS, Pedro Henrique. **Guarany**: o grande teatro de Pelotas. Pelotas: Semeador, 1994, p. 18.

¹⁷ SANTOS, 2007, p. 270.

não seguem as “reais” características físicas de um nativo indígena brasileiro. Por essa razão, a figura está associada ao romantismo brasileiro, dado que segue as peculiaridades acadêmicas de proporção e de composição.

Ao observarmos as figuras das laterais próximas à estátua do índio, vemos dois mascarões inspirados nas esculturas pré-colombianas, como podemos observar em um pendente de ouro da cultura Mixteca, que representa *Xipe Tótec*, deus da primavera. Esses mascarões se repetem nas duas extremidades da fachada, formando um total de oito figuras iguais. No alto do frontispício ainda estão colocadas quatro liras, associadas às apresentações musicais do teatro.

O prédio da antiga Escola de Belas-Artes está localizado na esquina das ruas Marechal Floriano e Barão de Santa Tecla. Construído em 1881 e pertencente à família Trápaga, o edifício foi doado em 1963, por Carmem Trápaga Simões, para a utilização e funcionamento da extinta Escola. A fachada apresenta oito esculturas em estilo clássico, marcado pelo contraposto das figuras e pelos panejamentos e drapeados das vestes das mesmas. Na fachada voltada para a Rua Barão de Santa Tecla, a alegoria da esquerda segura uma ave, que já identificamos com a avicultura ou com a lenda mitológica de Leda e o cisne. O catálogo da *Fábrica de Cerâmica das Devesas* denomina essa escultura como uma alegoria da Gratidão. Já a estátua da direita segura um jarro inclinado, como se despejasse algum líquido ali contido. O catálogo já citado associa esta escultura com as Naiades, ninfas aquáticas que viviam em fontes ou nascentes e deixavam beber de sua água, mas não se banhar, e puniam os infratores com doenças. Sobre a platibanda ainda estão dispostos dois globos, um com relevos estelares e outro que representava os continentes. Entretanto, durante a restauração do edifício, o globo com as representações dos continentes foi pintado com estrelas.

Na fachada voltada para a Rua Marechal Floriano, duas esculturas representam figuras indígenas com proporções clássicas. A da esquerda representa uma índia com uma tanga emplumada, uma corda trespassa seu corpo e sustém um porta-flechas. A postura de uma das mãos levou-nos a crer que a figura segurava outro atributo, talvez uma flecha. Associamos a imagem com a alegoria da América, por sua semelhança com as peças de mesmo significado registradas no catálogo da *Fábrica de Cerâmica das Devesas*. Em Pelotas, no jardim da charqueada São João, encontramos uma réplica desta escultura bastante danificada.

E registramos uma estátua similar moldada em massa de cimento, exposta no Museu do Cabildo, em Montevidéu.

Ainda nessa mesma fachada, outra escultura representa um índio acompanhado de um animal, a alegoria remete ao continente africano, como aquela exposta no Museu do Cabildo, na capital uruguaia. Nossa afirmação se fundamenta nas representações da África em cerâmica alouçada registradas no catálogo da *Fábrica de Cerâmica das Devesas*. Por fim, estão fixadas sobre a platibanda reproduções das crateras gregas, que se assemelham àquelas da Casa do Barão de Cacequi, analisadas anteriormente.

A antiga residência de Cândida Dias foi erguida em 1875 pelos construtores Bartolomeu e José Isella¹⁸, e se localiza na Rua Andrade Neves. Atualmente, o edifício de cunho comercial é conhecido como “Casa Amarela”. Ornamentando o frontão, na parte central da platibanda, estão dispostas duas estátuas de cerâmica alouçada, ambas representam figuras femininas. A primeira é a representação de uma índia com o torso nu e uma tanga emplumada, que leva na frente uma pluma. A figura se apoia em um tronco de árvore e leva um cesto sobre as costas. Estes atributos remetem à cultura indígena e simbolizam a América, como nos exemplares anteriores. O tronco de árvore compõe o tripé que sustenta a estátua. O contraposto, a expressão facial e as proporções do corpo particularizam o classicismo. Relacionamos esta alegoria com a pintura intitulada “Moema”, realizada por Vitor Meireles, pois a maneira romântica como o artista representou o tema pitoresco e a nativa brasileira também seguem os padrões clássicos. A segunda escultura, provavelmente, é uma representação da Europa. No entanto, existe uma imagem igual ornamentando o frontão lateral da residência do Barão de Cacequi, que o catálogo da *Fábrica de Cerâmica das Devesas* identifica como a alegoria da Primavera.

O palacete do coronel Domingos Soares de Paiva foi erguido em 1835, na esquina das ruas 7 de Setembro e Félix da Cunha. Mais tarde foi adquirido pelo *Jockey Clube de Pelotas*, que transformou a antiga residência em sua sede social. Recentemente, a construção foi vendida ao *Cartório Florenzi*, cujo proprietário restaurou totalmente o prédio. A platibanda do edifício é ornamentada por quatro

¹⁸ SANTOS, 2007, p. 161.

estátuas moldadas em massa de cimento. A primeira representa uma musa que leva na mão esquerda uma engrenagem, atributo que alude à indústria. No catálogo da *Fábrica de Cerâmica das Devesas* estátuas semelhantes são acompanhadas de bigornas, engrenagens, martelos e enghocas, símbolos da metalurgia. A segunda musa tem em uma das mãos o caduceu de Hermes ou Mercúrio, com a outra mão segura uma âncora, que significa o comércio. No catálogo da manufatura portuguesa encontramos uma estátua com o mesmo atributo, identificada como uma alegoria do comércio. Uma terceira escultura carrega uma lira e tem sobre o pedestal que a sustém um capitel coríntio e uma paleta de pintura, remete às artes liberais, como as musas agregadas ao frontispício do Clube Caixeiral analisadas anteriormente. A última imagem apresenta um livro em uma das mãos e uma pena para escrever na outra, um globo e uma coruja estão representados aos seus pés. A alegoria simboliza a literatura, o conhecimento e o saber. Na Grécia clássica, a estátua criselefantina da deusa Atena esculpida por Fídias para o Partenon, trazia na mão direita a figura dessa ave noturna que, segundo a lenda mitológica, revelava à divindade as verdades invisíveis, crença difundida até hoje pelos filósofos contemporâneos¹⁹. O globo, como já assinalamos neste texto, reforça a alusão à sabedoria.

O Solar dos Campos foi erguido para residência do fazendeiro José Antônio Campos e se localiza na Rua Santa Tecla, sua construção data de 1879²⁰. O pórtico de entrada da residência abriga um portão de ferro que dá acesso à escadaria que leva à porta principal, ladeado por pilares onde estão dispostas duas esculturas de cerâmica alouçada. Esta solução compositiva diverge dos outros prédios estudados, onde as esculturas aparecem sobre as platibandas e frontões. Primeiramente, acreditávamos serem duas diferentes representações de ninfas. O catálogo da *Fábrica de Cerâmica das Devesas* arrola uma das estátuas como: bailarina com castanholas. A outra escultura, que identificamos como uma ninfa ou como outra dançarina que faz par com a primeira, não foi encontrada no catálogo. Sobre a platibanda estão distribuídos elementos ornamentais inspirados no *kylix* grego, termo que define uma taça com duas asas²¹. No caso em estudo, as asas do *kylix*

¹⁹ TRESSIDER, 2008, p. 71.

²⁰ SANTOS, 2007, p. 164.

²¹ BOWRA, 1969, p. 64.

foram substituídas por folhas de acanto que finalizam em cabeças de leões aladas, numa espécie de variação dos querubins barrocos.

Conclusão

Durante o trabalho de pesquisa, 15 frontispícios característicos da arquitetura historicista eclética pelotense foram analisados, selecionados por apresentarem esculturas agregadas aos programas de composição de fachadas. Nossas conclusões apontam para maior representação de imagens escultóricas relacionadas com a mitologia grego-romana, divindades protetoras do comércio, da indústria e das artes, e de alegorias das estações do ano ou dos diferentes continentes do mundo. Ao mesmo tempo, encontramos uma série de vasos, crateras, *kylix*, ânforas e compoteiras inspiradas nas cerâmicas gregas clássicas, que também ornamentam as platibandas e os frontões.

A bibliografia consultada e o catálogo obtido da *Fábrica de Cerâmica das Devesas* revelaram que grande parte dessas estátuas de cerâmica alouçada era importada e, sobretudo, originária da cidade de Villa Nova de Gaya, em Portugal. Outras tantas eram moldadas em massa de cimento e, pela qualidade das peças, acreditamos que, em sua maioria, as estátuas de cimento eram também resultantes das importações efetuadas no período. Mas uma parte daquelas manufaturadas em cerâmica alouçada ou em cimento pode ter sido realizada em ateliês que se criaram na cidade de Pelotas, as quais, segundo informações dos jornais da época, possuíam qualidade e beleza equiparável àquelas originadas das fábricas do Velho Mundo²².

Como muitas esculturas idênticas se repetem em diferentes frontispícios, no seu tamanho, proporção, postura, planejamento e atributos, concluímos que essas estátuas eram produzidas em série a partir de moldes ou formas obtidos de um mesmo original esculpido por artistas e por artífices que alcançaram grande qualidade técnica. As peças criadas eram organizadas em catálogos que eram distribuídos para diversas regiões do mundo, objetivando o escoamento da produção de ateliês e de manufaturas, como o catálogo da *Fábrica de Cerâmica das Devesas*.

²² SANTOS, 2007, p. 164.

Esses elementos ornamentais das fachadas dos edifícios ecléticos pelotenses estavam atrelados às funções dos prédios e às ideologias de seus proprietários. Foram resultaram do interesse das classes dominantes em evidenciar seu poder econômico e sua cultura a partir do conhecimento da história e dos mitos europeus.

Observamos, então, através das esculturas que se distribuem nas fachadas da arquitetura eclética historicista pelotense, que a utilização desses ornamentos ampliou a suntuosidade e riqueza dos programas compositivos dos frontispícios. As esculturas foram empregadas tanto em prédios privados e residenciais, como nos edifícios públicos e semipúblicos com diferentes funções. As estátuas e os ornamentos da Antiguidade clássica, da Renascença, do maneirismo, do barroco e do rococó se fizeram modelo e modernas no ecletismo historicista do final do século XIX e princípios do XX, tornaram-se repertório para a multiplicação das esculturas e dos elementos decorativos criados ou copiados e destinados à ornamentação dos frontispícios dos prédios.